



Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

FREGUESIAS DE CASTANHEIRA DE PÊRA E COENTRAL

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

Administração e Redacção: Valinho - Castanheira de Pera

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

O ESTADO SOMOS NÓS

Esta frase famosa marcou uma época.

Então, o Absolutismo dos Reis, assente na teoria do seu Director Divino, não podia ser objecto de contestação.

Recordar e interpretar esse tempo é tarefa dos historiadores, cujo labor vai proporcionando às novas gerações a apreensão dos ensinamentos que, vindos do Passado, ajudam a um melhor entendimento do Presente e à preparação consciente do Futuro.

A História é, sem dúvida, uma preciosa e inesgotável fonte. Mestre da Vida, essa ciência apaixonante oferece múltiplos temas para meditação. Ela faculta aos homens de entendimento a compreensão dos factos, das figuras e das ideias, dando-lhes, em suma, uma noção da relatividade dos valores.

Da experiência para o futuro, através da revelação do significado dos eventos, eis o caminho apontado pela História, em atributo potencial que aposta no esclarecimento e na criatividade dos Homens.

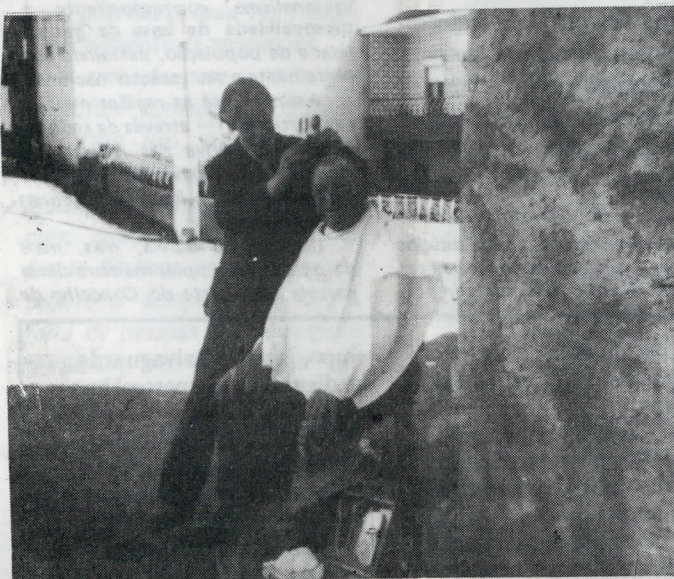
Assim, na compreensão dos factos, das figuras e das ideias, associáveis a cada povo e a cada lugar - sem o envolvimento emocional das gerações - se desenvolvem os conhecimentos históricos.

Nas complexidades do Mundo, onde, em fluir permanente, o pensamento e a acção se renovam, encontra a ciência histórica o aliciante objecto das suas investigações, associando sistematicamente as causas e os efeitos das ocorrências registadas e evidenciando, afinal, algumas semelhanças e afinidades ou certas divergências e contrastes, existentes entre situações concretas separadas pelo tempo e pelo espaço.

Modo, tempo e lugar, tal como causa e fim, são circunstanciais enquadramentos dos factos históricos,

Concluiu na pág. 2

QUADROS TÍPICOS



O BARBEIRO DA ALDEIA



No lugar de Pera

RESTOS DO PASSADO...

Jornal de CASTANHEIRA DE PÊRA

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

PUBLICADOS 11 NÚMEROS PEDIMOS AOS NOSSOS ASSINANTES QUE LIQUIDEM AS SUAS ASSINATURAS

Por cheque ou por vale do correio
Enviar para
- APARTADO 13
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA
ou para

- R. PALMA, 163 1.º ESQ.º
1100 LISBOA

ou, directamente, contra recibo:

- Junto dos CORRESPONDENTES
ou

- no VALINHO - C. Pera
ou
- na R. Palma 163 - 1.º Esq.º -
- LISBOA

ASSINATURAS ANUAIS

PORTUGAL 250\$00
ESTRANGEIRO 500\$00

Jornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

É, EFECTIVAMENTE
UM JORNAL
CASTANHEIRENSE

perspectivas

O CRISTÃO E A POLÍTICA

ANTÓNIO MATOS

Parece-me ser ideia um tanto generalizada, sobretudo nalguns meios, a de que a política está fora de qualquer ordem moral ou ética. E também parece não faltar quem esteja muito interessado em manter e propalar tal ideia, que está bem longe de ser verdadeira.

Efectivamente, a política, como toda e qualquer actividade humana, está, ou deve estar sujeita à ordem moral, não está fora dela ou superior a ela, mas a ela subordinada e a ela deve ser referenciada. A política não é uma activi-

dade amoral e muito menos deve ser imoral. É uma actividade humana e, como tal, deve estar subordinada e orientada pela recta ordem moral, que não pode deixar de ter em conta o homem todo, na globalidade do seu ser pessoal. Além disso, para o católico, a política não pode, a título algum, ignorar a Mensagem cristã, mas tem de a ter em conta e por ela se nortear.

E isto por muito que custe a partidos que recrutam militantes e votos entre os católicos, mas que tudo fazem para evitar que esses mesmos, cujos votos granjeiam, se deixem guiar pela doutrina social da Igreja, a ponto de alguns que se dizem católicos e têm até certa prática, estarem frequentemente, para não dizer sistematicamente, em oposição frontal aos ensinamentos da Igreja e

aos princípios do Evangelho que a Igreja interpreta, actualiza e anuncia.

Católico que sistemática e ostensivamente opta por soluções opostas às ensinadas pela Igreja, que entre o partido e a Igreja não tem hipótese de escolha que não seja o partido, porque é o único que lhe lisonjeia a vaidade, para não referir outros motivos, merece sérias e graves reservas, se é que ainda se lhe pode chamar católico.

Com efeito, quem intencional, consciente e siste-

maticamente recusa o ensinamento da Igreja, põe-se fora dela ao nível da doutrina e muito dificilmente se poderá considerar dentro dela a outros níveis da vida, mesmo que aparente o contrário. A fé é uma realidade englobante que exige atitudes e opções coerentes em todos os aspectos da vida.

E não faltam os ensinamentos autorizados e solenes da Igreja. A título de exemplo, aqui ficam alguns textos do concílio Vaticano II.

«A comunidade política existe por causa do bem comum no qual está a sua plena justificação e sentido e do qual deriva a sua legitimidade inata e própria. O bem comum compreende o conjunto daquelas condições de vida social, que permitem aos homens, às famílias e aos grupos poderem alcançar mais plena e facilmente a sua própria perfeição» (GS, 74).

«O exercício da autoridade política, quer no in-

Cont. na Pág. 2

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

O ESTADO SOMOS NÓS

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA

enquanto o seu mérito ou desmérito advêm da relação dos valores adoptados por quem os analisa.

Obviamente, tornou-se lugar-comum essa lição da História que nos diz que nem sempre o que estava certo ontem poderá continuar a ter aceitação hoje... E de igual modo, a ninguém será legítimo pensar na imutabilidade das ideias dominantes no seu tempo.

«Est modus in rebus» — Diziam os Romanos. De facto, «em todas as coisas há uma medida». Só que os padrões valorativos vão mudando e também caberá aqui a lembrança de uma outra frase latina: — «Nom nova, sed nove», isto é, «Não coisas novas, mas de uma nova maneira»... Mas, em verdade, há coisas que mudam mesmo...

ONTEM...

— L'Etat c'est Moi!

Disse-o Luís XIV, Rei de França, no século XVII. Eram as convicções do Soberano!

«O Estado sou Eu» — foi frase que ficou na História, ilustrando um período de grandezas e de miséras. Mas...

Hoje...

— O Estado somos Nós!

Dizemo-lo todos, em afirmação do ideal democrático (que, naturalmente, só poderá ser pluralista). E, entre nós, a soberania da Nação é exercida através das suas Instituições representativas, legalmente estabelecidas.

Como será amanhã?

Não, não nos compete ensinar, aqui e agora, qualquer futurologia. Apenas formularemos veemente desejo para que tudo caminhe para melhor, em Paz e Amor.

Entretanto, hoje, devemos viver em pleno, preservando valores cuja significação actual seja reconhecida, criando, eventualmente, novos padrões de vida e fomentando, enfim, a génese de um verdadeiro Progresso — sem manipulações, sem deturpação das realidades.

Hoje, porque «o Estado somos Nós», há que atentar muito conscientemente no significado profundo desta afirmação de tão alto valor comunitário.

Se eu gosto da minha aldeia e defendo vivamente os seus anseios e valores, nem por isso deixo de ter o dever de considerar mais impor-

tantes do que os seus problemas locais os da freguesia a que ela pertence. E também terei de considerar mais significativos e ponderosos os que respeitem ao Concelho. Terei mesmo a obrigação de observar ainda, em escala mais ampla, em «crescendo», os interesses de toda a Região, do Distrito, da Província... da própria Nação Portuguesa. E esta, politicamente organizada, reflecte-se no Estado.

A visão global, o conjunto, sobrepõe-se aos particularismos.

— O Estado somos Nós... Todos!

Por isso, sempre que o Estado é beneficiado ou prejudicado, cai sobre nós todos o prejuízo ou o benefício. Os Lucros e Perdas do Estado são também Proveitosos, e Encargos de todos os Portugueses.

Sem menosprezo pelos legítimos anseios regionais, há que não esquecer, portanto, o que são os superiores interesses nacionais. Não há incompatibilidade quando de um Regionalismo salutar se parte para o Nacionalismo correspondente à personalidade de base da generalidade da população, definindo coerentemente o seu carácter nacional.

Assim... Até as regiões mais ricas participam — através da redistribuição equitativa das receitas do Estado — na suavização das condições de vida existentes nas zonas menos favorecidas.

Eu sou da aldeia, mas, mais do que como simples membro dessa parcela faço parte do Concelho de

Castanheira de Pêra. Mais do que do Distrito de Leiria, eu sou Beirão. E, mais do que das Beiras, eu sou Português.

Como Português, sempre que o Estado paga, sempre que o Estado recebe, sempre que o Estado tem despesas ou deixa de ter quaisquer receitas... isso terá repercussões em mim próprio, tal como as tem em todos Nós.

As Autarquias, quer sejam as Juntas de Freguesia, quer sejam as Câmaras Municipais, sendo embora muito importantes numa organização democrática descentralizada da Nação, jamais deverão subestimar os superiores interesses do Estado, isto é, de todos Nós. E nisso não haverá incompatibilidade com o respeito pelos legítimos direitos individuais de cada um de Nós.

Defraudar a Fazenda Nacional, mesmo em nome de eventuais conveniências locais ou regionais, é esquecer que Portugal é o somatório de todos os Portugueses e que o Estado, como organização política e administrativa de toda a Nação Portuguesa, é o valor mais alto — que cumpre respeitar.

Sim, o ESTADO SOMOS NÓS TODOS!

Deixar de o defender é atacar todos e cada um de nós.

A quem, de boa fé, errar, apenas se exige que corrija o erro, aprendendo as lições da experiência, sem obstinações particularistas, sem egocentrismos doentios.

— «Errando, corrigitur erro. Sim, errando se corrige o quando se sabe colher os frutos da Vida.

Se, em sentido colectivo cional, é desejável que ninguém vire patriota por razões diferentes que assentam numa verdadeira solidariedade de um povo e que conducentes a um salutar orgulho — a defesa de um Por uno! — também será desejável não se tente reduzir, por exabado bairrismo, a própria extensão natural do termo PÁTRIA, se tal acontecer, haverá o risco cair em novos princípios de cional. Haverá talvez quem venha a c — A minha Pátria é a minha rua. E, então pulverizada a u de nacional, que caminhos pe cosos nos farão seguir?

Não é fagueira a antevisão: — Viriam a transformar Autarquias em novos dom senhoriais?

Nesse caso, desempenharia Autarcas o papel de novos sen feudais?

Em alternativa, poderíamos caminho dos julgamentos mar ditos populares?

— VADE RETRO, SATAN. Se qualquer modo, restar a crença no Poder Judicial num Estado de Direito se caza pela indispensável isenção, qual, como é obvio, deve defendido, a todo o custo, p dos Nós.

perspectivas

Cont. da 1.ª pág.

terior da comunidade como tal, quer nos organismos que representam o estado, deve desenrolar-se sempre dentro dos limites da ordem moral, em vistas do bem comum — considerado dinamicamente — segundo a ordem jurídica legitimamente instituída ou a instituir» (GS, 74).

«Cultivem os cidadãos com magnanimidade e lealdade o amor à pátria, mas com espírito aberto, de modo que tenham sempre em vista o bem comum de toda a família humana que

reúne raças, povos e nações, unidos por toda a espécie de laços.

Os cristãos tomem consciência da missão particular e própria que têm na comunidade política; em virtude desta vocação, devem brilhar pelo exemplo, desenvolvendo em si o sentido das responsabilidades e da devoção ao bem comum; mostrarão assim, por pontos, como se pode harmonizar a autoridade com a liberdade. a iniciativa pessoal com a solidariedade e as exigências de todo o corpo social, as vanta-

gens da unidade com as diversidades f e c u n d a s » (GS, 75).

«É muito importante que se forme um conceito claro das relações entre a comunidade política e a Igreja e que se distinga claramente entre aquilo que os cristãos, individualmente ou em grupo, fazem em seu nome, como cidadãos levados pela sua consciência cristã, e aquilo que, em união com os seus pastores, fazem em nome da Igreja.

A Igreja, em razão da sua missão e competência, não pode confundir-se de modo nenhum com a comunidade política nem está ligada a nenhum sistema político; ela é, ao mesmo

tempo, sinal e salvaguarda da dignidade da pessoa humana. No terreno que lhe é próprio, a comunidade política e a Igreja são independentes e autónomas. Mas ambos, embora a títulos diferentes, estão ao serviço da vocação pessoal e social dos mesmos homens. Exercerão tanto mais eficazmente este serviço para bem de todos quanto mais cultivarem entre si uma sã cooperação, tendo em conta as circunstâncias de lugar e de tempo» (GS, 76).

Perante textos tão claros e explícitos, qualquer comentário seria descabido. Eles aqui ficam, na esperança de que possam ser úteis a muitos dos nossos leitores.

A PROPOSITO DE

O SÉCULO

A RDP REFERIU-SE AO JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA EM 26-7-75

A «CORESE» (Comissão para o reaparecimento de «O SÉCULO» fez expedir um telegrama ao prof. MOTA PINTO, vice-primeiro ministro, pedindo a sua interferência no sentido de ser paga a prestação respeitante a junho último, devida aos funcionários daquele jornal. Entretanto, alastra pelo país o movimento impulsionado pela «CORESE». Assim, o último número do «JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA», dirigido pelo dr. Herlander Machado, insere um artigo defendendo a republicação imediata de «O SÉCULO», cujo título é propriedade do Estado.

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Mensário Regionalista Independente

Publica-se no último dia de cada mês

Sede, Redacção e Administração

VALINHO APARTADO 13 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Director — Herlander Machado
Director-Adjunto — António José de Matos
Chefe de Redacção — Niquelino Fernandes
Sub-Chefe de Redacção — Amadeu de Almeida Joaquim
Administrador — Belarmino Henriques Correia
Chefe de Publicidade — Jorge Pimentel Ladeira

Propriedade — Herlander Alves Machado

Composição e Impressão: NOVELGRÁFICA, LDA Rua Capitão Salomão Telef. 25299 — 3500 VISEU

Colaboradores:

António Alves
António de Jesus Ramos
Gualter Alves dos Santos
Joaquim Cardoso Duarte
José Manuel Bernardo
José Manuel Machado Fernandes
Manuel José Nogueira da Costa
Manuel Simões Coelho (Castelo)
Zilda Candeias Varandas

Jornal de Castanheira de Pêra conta também com a colaboração especial do escritor Nuno Bermudes e dos Artistas Plásticos: Estanislau Inocência Fernando Camarinha João Climaco Soares de Abreu José Pádua

ASSINATURAS ANUAIS

PORTUGAL 250\$00

ESTRANGEIRO 500\$00

Correspondentes:

Camelo — Jorge das Neves Bernardo
Carregal — Albino Nunes
Coentral — José Alves Barata
Fontão — Porfírio Cepas
Gestosa Cimeira — Aníbal Tavares
Moita — Rui Santos
Palheira — Adelino Marques
Pêra — Pompílio Antunes
Sapaterra — Gualter Fernandes
Sarzedas — Arlindo Silva
Troviscal — Isaltino Conceição
Vilar — Aires Henriques Estevão

LEIA O JORNAL DA SUA TERRA

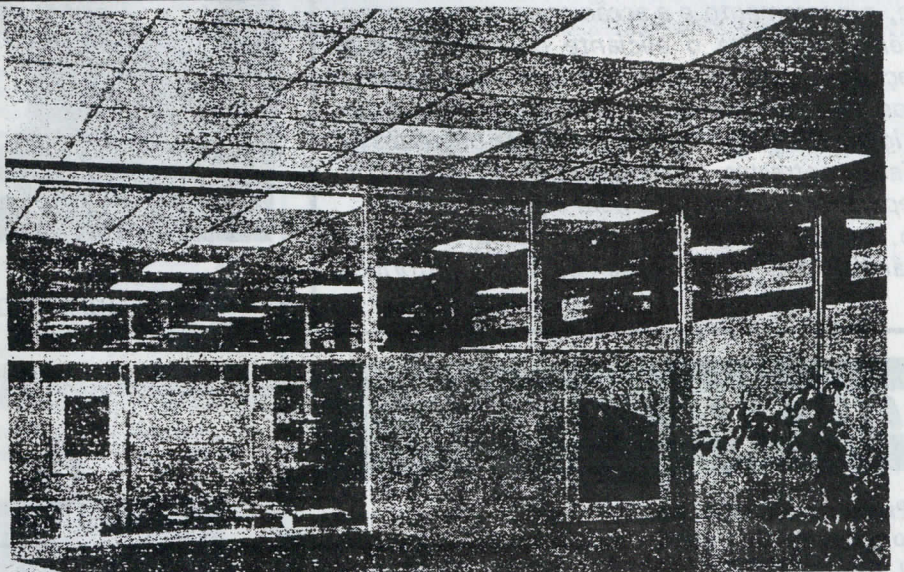
VENDE-SE — EM CASTANHEIRA DE PÊRA

NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA — NO COENTRAL GRANDE NO BOTEQUIM DOS NEVEIROS

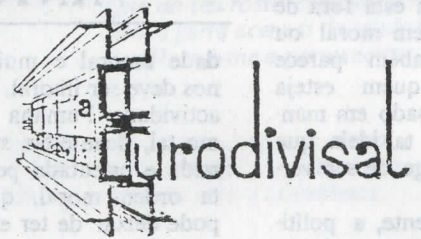
— EM LISBOA

NA TABACARIA MÓNACO ROSSIO 21 NA CASA DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS Largo do Intendente, 45

DELEGAÇÃO EM LISBOA R. Palma 163-1 Esq. 1100 LISBOA



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO — RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 — TELEF. 66 92 65-60 91 30 — 1200 LISBOA
INST. FABR — RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 — TELEF. 65 76 69-68 73 95 — 1200 LISBOA

AS FESTAS DA NOSSA TERRA

Nos últimos anos, a chegada da época do calor, o verão, traz consigo a fuga desenfreada para a praia, depois de mais um ano de trabalho, agitado. No entanto, com a assentuada expansão dos meios urbanos, a ida à praia tem os seus inconvenientes. O primeiro deles prende-se com a confusão que se gera, com a total aderência ao "bronzê". Sem quererem, as pessoas acabam por não descansar as suas férias.

Em alternativa, o campo serve perfeitamente todos os requisitos: tranquilidade, ar puro, etc. Assim, cada vez mais o campo vai retomando o seu valor, até porque nunca deixou de o ter, especialmente para quem possui família na província. Não só no verão, mas também noutras alturas (os feriados e as denominadas "pontes"), as gentes das cidades an-

seiam sempre por rever os seus parentes e amigos.

Nas aldeias, vilas, para além do reencontro do amigo que não se via há muito tempo, do reencontro com as origens (...), o tempo do calor proporciona igualmente os grandes acontecimentos que são as festas anuais. Com elas os arraiais, a sardinha assada, a "Kermesse", a barraca da bicharada e o convívio entre as pessoas para além de milhares outras coisas.

No nosso concelho também as coisas não fogem à regra, desde os meses de Junho/Julho até ao fim do verão, altura em que normalmente as férias acabam, se vão desenrolando Domingo a Domingo os vários Festejos. Desde os emigrantes, estudantes e gente cidadina, passando pelos forasteiros, que Castanheira de Pêra recebe anualmente no verão

PEDRO SERRANO TOMÁS

centenas de pessoas. Para além dos banhos nos vários "poços" (Poio, Amaros, Corga, Zê Veras,...), onde o pessoal mais novo vai convivendo, as festas e arraiais são a preferência de toda a gente: velhos e novos. Ultimamente, na generalidade das localidades do nosso concelho, os festejos tem vindo a acentuar um carácter profano, sem que, contudo, a tradição religiosa sofra com isso. Prova-o o facto de, ano após ano, as cerimónias religiosas terem uma aderência cada vez maior, especialmente as procissões.

É contudo para a noite que as coisas começam a efervescer. Para isso, contribuem os "programas" apresentados pelos mordomos, que se preocupam com o êxito das suas festas. Existe, no entanto, um problema sempre crescente: a falta de pessoas que se responsabilizem pela realização das mesmas. Este facto não deixa de preocupar, especialmente porque essas existem, o que está mal é pensar-se que temos que fazer sempre melhor de ano para ano. Chega-se a um

estado em que as despesas são tão grandes que ninguém as suporta, ou tem medo de as suportar. Será que não somos capazes de ser humildes, pondo em causa as tradições da nossa terra?

Com tendência para acabarem (segundo se vai dizendo...), a verdade é que, mais ou menos fortes, os festejos se vão realizando. Como tal, e não querendo servir de roteiro, convém no entanto fazer referência aos nossos arraiais deste ano. Assim, com bastante tradição no nosso concelho, a festa de S. Domingos vai realizar-se a 7 de Agosto, onde podemos assistir, mais uma vez, à cerimónia da comunhão solene; a festa de Pêra, em honra de S. Sebastião, vai concerteza reunir bastante gente, não só da terra como de fora, no fim de semana de 13, 14 e 15 de Agosto com a habitual procissão pelas ruas daquela localidade, seguindo-se nas respectivas noites os arraiais junto à capela. Nos dias 13, 14 e 15 no norte do concelho, é a altura

Uma reflexão incómoda

Passéi e vi. Era uma tarde de domingo. Decorria a missa da festa. Fora, no adro, eram muitos, mesmo muitos; esperavam apenas pela procissão. A missa não lhes interessava. Os músicos também estavam fora, em grande número. Eles eram contratados para a procissão, não para a missa. Isto de ser contratado para actos litúrgicos, para celebrações, para louvar a Deus... Louvar a Deus por contrato, não se consegue entender na perspectiva da fé e da renovação litúrgica...

Já, de uma vez, precisei de ir a uma paróquia a meio da tarde. Na igreja, um funeral. Celebrava-se a missa de corpo presente. O funeral ia ter banda, mas a maioria dos músicos estavam no adro, enquanto se celebrava a missa. E era a música lá da terra. E era um seu conterrâneo que ia a enterrar e por quem se rezava. Fiquei a pensar e não consegui entender.

Tantas coisas que não se entendem nesta igreja que somos e que muitos teimam em não a deixar renovar pela fé.

Eu até gosto muito de bandas e estímulo de bom grado a sua existência. Têm muitos valores. Mas em relação à sua participação ou à participação de algumas delas nas celebrações, alguma coisa tem de mudar. Por respeito para com as celebrações que são momentos sagrados, por respeito pelos próprios músicos que não são obrigados a ser cristãos de missa, mesmo em dia de festa. Uma celebração litúrgica só tem sentido quando se celebra na fé e quando na fé todos têm uma participação a seu modo. O que não é isto é espectáculo. Seja missa, seja procissão, ou seja funeral. O costume, em coisas de Igreja, se não se fundamenta na fé cristã, perdeu a razão de ser e a força de lei.

Agora que estamos na época das festas, a que alguns teimam em chamar religiosas, mas onde, em muitos casos, os actos religiosos estão a mais por descabidos e por terem perdido o sentido, talvez que esta reflexão consiga inquietar alguém.

Seria bom. Para isso a escrevi.

D. António Marcelino

18 e 19 de Setembro a festa de N.S. do Amparo.

Para terminar os festejos do Verão, mas apenas com carácter religioso, é celebrada no último fim de semana de Setembro a festa do Santíssimo, em Pêra; já com as vintinhas à porta. Fica então o desejo de bom tempo para mais um verão tempo de férias e de convívio. Sem excepção para ninguém ficam aqui os votos de boas festas — ou festas boas, como quiserem.

COENTRAL

FESTEJOS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ

Nos próximos dias 14 e 15 de Agosto tem lugar nesta freguesia os tradicionais festejos em louvor da Padroeira Nossa Senhora da Nazaré que como habitualmente, se revestirão de grande solenidade e brilhantismo.

São mordomos este ano os prezados conterrâneos Srs. Adelino Manuel Simões e Domingos Francisco Miranda que estão enviando os maiores esforços no sentido de que a festividade não fique aquela cunha de dignidade e de crença que são apárida da gente coentralense, num programa que incluiu atraentes números de diversão popular, os quais, assim esperamos, constituirão rematante êxito.

No dia 15 — data em que desde tempos imemoriais se realizou sempre no Coentral a Festa Nossa Senhora da Nazaré — tem lugar a parte mais importante dos festejos, tão cara ao espírito devoto dos coentralenses, que é a parte religiosa, da qual constam principalmente: missa cantada, sermão e imponente procissão com percussão das principais artérias da sede da freguesia.

Abrihantadas estas cerimónias a Barreira de Música de Espinhal.

Na parte recreativa tomam parte, além do conjunto "Naveiros do Coentral", um conjunto musical de Lisboa e outro de Coimbra, havendo outros números entretanto em preparação. No Largo do Vidreiro existirão quermesse e barracas de chá e da bicharada.

Cont. na pág.

NOVA bateria
Tudor
selada porque não consome água
Tudor
SEM MANUTENÇÃO
super-blindada longa duração 2 anos garantia

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS À ORDEM:
(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)
Saldos Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %

DEPÓSITOS A PRAZO:
De 30 até 90 dias 15,5 %
De 91 até 180 dias 19,5 %
De 181 até 365 dias 26 %
De 366 até 730 dias 28 %
(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

CRÉDITO:
Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola

fábrica de meias e luvas
MANUEL ALVES BARATA, LDA.
TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA
UNIDADE INDUSTRIAL FUNDADA EM 1920

CALENDÁRIO DAS FESTAS DO CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

AGOSTO
Dia 7 — Festa de S. Domingos na vila.
Dia 14 — Festa de S. Sebastião em Pêra.
Dia 15 — Festa de N.S. da Nazaré no Coentral.
Dia 21 — Festa de N.S. da Guia nos Lugarinhos.
Dia 28 — Festa do SENHOR na Vila.

SETEMBRO
Dia 4 — Festa de S. Pedro nas Sarzedas de S. Pedro.
Dia 11 — Santo António (Promessa) em S.t. António da Neve (Cabeço do Pereiro).
Dia 11 — Festa de N.S. do Amparo no Troviscal.
Dia 18 — Festa de N.S. Do Amparo na Moita.
Dia 25 — Festa do Santíssimo em Pêra.

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

LEITARIA CASTANHEIRENSE, L. DA

CAFÉ-CHÁ-CHOCOLATE-CERVEJA AO COPO

Com estabelecimento de:
MERCEARIAS-FAZENDAS-LOUÇAS-VIDROS

Telef. 44361
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

O AUMENTO DOS CUSTOS DA ENERGIA ELÉCTRICA PREOCUPA OS INDUSTRIAIS

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

ENTREVISTA O INDUSTRIAL MANUEL CORREIA DE OLIVEIRA



MANUEL CORREIA DE OLIVEIRA

O problema de energia é crónico no nosso país.

Ultimamente tem vindo a agravar-se, não obstante, no que toca aos combustíveis, o preço das ramas ter vindo a baixar no mercado internacional.

E esse agravamento, que se faz sentir em todo o país, põe-se na Castanheira numa maneira mais sensível, pois reflecte-se acentuada e negativamente na indústria local, que não pode dispensar a energia eléctrica, cujos elevados oneram muito os seus produtos que, depois aparecem no mercado com os preços agravados.

Para trocarmos algumas impressões sobre este momentoso problema, procurámos o industrial Manuel de Oliveira, ligado à Castanheira, há mais de vinte anos, pelo casamento, aqui desenvolvendo a sua acção, bem como em Coimbra, onde, além da actividade profissional, é também vereador da Câmara Municipal.

Industrial dinâmico e sensível aos problemas, impulsionou, nas

Castanheira, várias acções tendentes a resolver o problema do preço da energia eléctrica no nosso concelho. Amavelmente se dispôs a receber-nos e a primeira pergunta surgiu naturalmente.

J.C.P. — COMO NASCEU A IDEIA DA SUA INICIATIVA?

M.C.O. — Muito simplesmente. Desenvolveu-se, em Coimbra e a nível da Autarquia, onde sou vereador, uma acção semelhante. Daí vir-me a ideia de fazer em Castanheira algo idêntico.

J.C.P. — A IDEIA FOI BEM RECEBIDA?

M.C.O. — A Castanheira esteve, durante muitos anos, ligada a processos antigos, para obter a energia de que precisava, para a indústria têxtil — a velha ribeira e as turbinas hidráulicas. Depois procurou a energia que precisava através da ligação à rede eléctrica...

J.C.P. VIERAM OS AUMENTOS...

M.C.O. — Os aumentos reflecti-

ram-se em todos os habitantes, como é natural, mas revelou-se mais gravoso na indústria.

J.C.P. Os industriais aderiram?

M.C.O. — Sim. Fez-se uma primeira reunião, na Foz, a nível de industriais, onde foram expressas as preocupações próprias de cada um e daí surgiu também a ideia de solicitar a colaboração da Câmara Municipal. Isto, por duas razões. Um porque este concelho tem como base a indústria têxtil. Outra porque a Câmara pertence à Federação dos Municípios do Distrito de Leiria, que distribui e comercializa a energia neste concelho.

J.C.P. — E A IDEIA CONCRETIZOU-SE?

M.C.O. — Efectivamente, realizou-se uma reunião nas instalações provisórias da Câmara, onde compareceram responsáveis da Federação de Municípios do Distrito de Leiria e um número significativo de industriais.

J.C.P. — A QUE ATRIBUIU INTERESSE PELA REUNIÃO?

M.C.O. — A razão e preocupação de tudo isto é que um concelho como a Castanheira, a Indústria deve ter preços sociais de energia, pois todos sabem quanto a sua sobrevivência como concelho depende da sua indústria.

J.C.P. — QUER DIZER ALGUMA COISA ACERCA DO CONTEÚDO DA REUNIÃO?

M.C.O. — Todos sabem, por um lado, a situação anormal do concelho do Porto, quanto ao preço da energia. Por outro, quando uma indústria está totalmente dependente da energia eléctrica, há que ver o problema. Aos responsáveis da Federação de Municípios foi posto, entre outros, o problema da aplicação das taxas fixas. As taxas visam satisfazer a despesa da Federação com o apetrechamento necessário

para o fornecimento da potência exigida. Acontece que elas não têm razão de existir, pois a produção e distribuição de energia são um monopólio e legislação diz que é da responsabilidade da EDP e por ela custeada, toda a actividade referente ao estabelecimento e exploração do serviço a seu cargo e, nos termos do diploma regulador do mesmo serviço, não deve ser custeada por outras entidades.

J.C.P. — ESTA ACÇÃO NÃO PODERÁ SER MAL INTERPRETADA?

M.C.O. — Penso que não. Como quer que seja, convém deixar bem claro que os industriais da Castanheira não estão contra ninguém. Estão, sim, preocupados com um problema, para o qual pensam ser seu dever alertar as entidades responsáveis e a própria população do concelho, dado ser um problema

REUNIÃO HAVIDA NA CÂMARA?

M.C.O. — Ficou claro que os industriais, conscientes das suas responsabilidades, não pretendem ir para situações extremas. Ficou acordado entre os industriais, a Câmara e a Federação, dar sessenta dias para estudo do problema, a nível superior, com a preocupação de que viesse a ser estabelecido um preço mais aceitável para a indústria. Isto é uma pretensão, a nosso ver, inteiramente justa, pois será o compensar pelo governo central da nossa interioridade. Caso contrário, é de encerrar, com apreensão a hipótese da Castanheira, a médio prazo, correr o risco de deixar de ser concelho, por desaparecimento da sua indústria. Efectivamente, temos más estradas de acesso, maus telefones, maus e reduzidos transportes, já de si insuficientes, carências na saúde e no ensino.

todas as boas vontades dos castanhenses industriais e faço sinos votos para que, como esta iniciativa, se tenha começado uma nova era de colaboração entre pessoas, as quais, tendo ambas ideias diferentes, têm de comum responsabilidade da principal razão de ser do concelho de Castanheira de Pêra e estou certo de que nenhum industrial quererá enjugar essa responsabilidade.

J.P.C. — QUAL TEM SIDO ATÉ AGORA, A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO EM GERAL?

M.C.O. — Tudo foi a nível de industriais e Autarquia, onde encontramos toda a receptividade, e não deixará, pensamos, de assumir a sua quota parte de responsabilidade. A resolução deste problema, pensamos ser, no momento actual o que mais deve ter preocupado castanhenses responsáveis. Não podemos esquecer as largas centenas de postos de trabalhos que

PREÇO SOCIAL PARA CONSUMOS INDUSTRIAIS É DEFENDIDO EM CASTANHEIRA DE PÊRA

que os ultrapassa e que representa custos muito gravosos, pesando significativamente nas tesourarias das empresas e nas bolsas de todos os portugueses. Com efeito, não se trata só dum problema local, isto sem esquecer que há indústrias têxteis no concelho do Porto, que têm estado em situação de vantagem relativamente às do nosso concelho.

J.C.P. — TEM CONHECIMENTO DOUTROS SÍTIOS ONDE TENHAM ENCARADO TAMBÉM ESTE PROBLEMA?

M.C.O. — Há zonas do país, como a Covilhã, onde algumas empresas não pagam a energia, há meses, como resposta a esta situação e, segundo consta, com o beneplácito da Autarquia local.

J.C.P. — QUAIS AS PERSPECTIVAS QUE TROUXERAM DA

J.C.P. — E NO CASO DE A RESPOSTA NÃO SER POSITIVA?

M.C.O. — Passados os sessenta dias sem solução positiva — no que, sinceramente não acreditamos — far-se-á nova reunião, para decidir as atitudes e rumos a tomar.

J.C.P. — PARECE-LHE QUE EM TUDO ISTO OS INDUSTRIAIS ESTÃO SOLIDÁRIOS SENDO COMO É QUASE PROVERBIAL A SUA DECISÃO?

M.C.O. — Penso que este problema foi um motivo aglutinador de

estão em causa. Queremos e podemos mantê-los, norteando-nos preocupação de criar situações que não só permitam que esses postos de trabalho se mantenham, mas também possibilitem que venham ser significativamente aumentados a curto prazo, o que um ou outro acontecimento mais ou menos recente, não pode nem deve pôr em risco. Os trabalhadores do nosso concelho, na sua generalidade, são credores da nossa estima e simpatia e o seu contributo é determinante para os objectivos que todos nós propomos atingir.

A FALTA DE SUBSTÂNCIA

A sensação que se tem ao reflectir sobre a situação em Portugal é a de que chegámos a um ponto que podemos classificar como a bissectriz de uma anulação ou a convergência na nulidade entre as várias correntes ultimamente presentes na nossa sociedade.

Com efeito, o resultado a que se chega não é o fruto de uma escolha positiva, mas é antes a saída quase única para vários desencantos. A falta de substância do que agora se vem propor é, quanto a nós, evidente. A amálgama, isto é, a incoerência resulta das pressões a que a governação parece estar sujeita, em obediência às clientelas, nacionais e internacionais. A sensação que se tem é a de que as coisas são assim porque não podem ser piores ficando à mercê das oscilações da tal bissectriz de anulação.

A mentalidade ou a Filosofia que preside ao esforço (indubitavelmente meritório mas provavelmente inconsequente) que vamos ter que fazer é a do remendo, com o tecido social perpassado de egoísmos, não triunfantes mas envergoados. Ninguém parece ter para propor uma doutrina capaz de mobilizar as vontades e a inteligência dos portugueses.

Os remendos — agora a banca privada, os seguros, os cimentos e os adubos tal como outros no passado — parecem fruto da pressão e da propaganda mais do que de razões económico-financeiras ou de uma maior exigência de justiça social. Nós somos assim um país de avanços e recuos, ao

sabor das flutuações que não conseguimos nem prever nem dominar. Portugal tende para ser cada vez menos de todos os portugueses, já que alguns — certamente pelo "muito" que lhe querem — o qual desejam antes de mais para si, assim dispensando os outros da participação e das responsabilidades. O clima cultural ou o horizonte para que tristemente se avança, parece-nos ser este — e isto não é certamente de bom augúrio.

As doutrinas que se metem na gaveta — sem sequer se tornar necessário dar-se ao cuidado de o anunciar — fazem adiar a justiça social mínima a que todo o país aspira e a que os padrões europeus nos convo-

cam. Daqui a nebulosidade não se bastiânica a que, cada vez menos provisoriamente, vamos ficar votados.

A única saída parece ser a de, epicamente, fazer das fraquezas força e transformar, com alguma raiva o desencanto e o dasamor em esperança e eficaz de uma cada vez mais longínqua mudança — a mudança profunda prometida e cada vez mais adiada.

A mudança cada vez mais bloqueada.

Entretanto o país fica à espera das primeiras medidas concretas do novo Governo para ver se descobre o rumo que as coisas vão tomar. As declarações públicas não são estimulantes e todos estão como que em vigília de velada de armas, para ver qual o combate que há que travar.

Os apelos à trégua política só por si parecem não bastar se os meios e as metas da justiça social não aparecem com clareza. O avanço é para todos sempre mais difícil depois de se recuar...

D.J.

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE

INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.

IMPORTAÇÃO

EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79

TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

POVOS SERRANOS

QUE HORIZONTES?

FERNANDO COSTA

À nossa civilização já chamaram de quase tudo — até dos divórcios, das pilulas, dos contraceptivos, do planeamento familiar, do aborto, etc.

Claro que, o ser humano, como livre que é, pensa o que quiser, actua como entender, como a sua consciência o ditar, como as possibilidades económicas, sociais e culturais o permitirem.

No entanto, quanto a nós, muitas vezes hipocritamente defendem-se, através da palavra escrita ou falada, causas públicas as quais os intervenientes não praticam ou, se o desejarem, talvez pratiquem clandestinamente...

Evidentemente de uma moral meramente pessoalista acabam, muitas vezes, por surgir, desenvolverem-se outras consequências ainda mais contraditórias, em relação à realidade do quotidiano...

De tudo isto redunda ficarmos perplexos, com opiniões que ouvimos e lemos, formuladas por responsáveis, sem tomarem em consideração a opinião dos interessados, nomeadamente da mulher (há tantas ou mais mulheres que homens...) e a evolução da humanidade, sempre em mutação constante.

Assim vivendo-se em evolucionismo constante, diário e contínuo, opta-se pelo conservadorismo, impõe-se o *statu quo*, interpreta-se a moral natural sem explicar conveniente e acessivelmente, o que se entende por moral natural?

Aliás, em todas as épocas e civilizações, quando estão em causa assuntos de interesse geral, e evidentemente contraditórios, é sempre colocada em plano secundário a personalidade de cada pessoa ou povo, sendo os meios artificiais elevados acima dos naturais, para regular o problema.

Tal, quanto a nós, não tem sentido porque, não só, significa estagnação como, o que é mais grave, retrocesso das sociedades.

As sociedades, como todos sabemos, mudam, transformam-se, progredem, prosperam, evoluem pela acção dos políticos, dos cientistas, dos filósofos, dos escritores, dos artistas e das várias Igrejas, ou cultos religiosos.

Sucede, porém, nem sempre ou quase sempre as hierarquias que, tal como o homem comum, também pecam por atavismo, desconhecem o "país real" e o "povo que somos", ficam entregues a si próprias, automática e erradamente agarradas à natureza quando é ou devia ser a consciência que alicerça a moral individual e colectiva.

Por isso desejamos, isso sim, que a mulher em geral e particularmente a da serra tenha, não só, voz activa no que directamente lhe diz respeito.

Múltiplos problemas como o do aborto e o do planeamento familiar merecem amplo debate e esclarecimento. São assuntos de grande acuidade social que tanto importaram à sociedade civil como à comunidade religiosa.

Embora assim pensando não pretendemos abertamente assumir nenhuma posição nem pró nem contra qualquer dos temas e problemas sociais, que referimos neste escrito, nos quais a mulher da planície ou da serra é o principal cerne da questão mas, nem sempre, se lhe concedendo vontade própria para proceder como quer ou não quer.

O ADEUS
DE UM VELHO TRABALHADOR

Há dias, a um funcionário do Banco Nacional Ultramar que se reformou, foi prestada homenagem pelos seus Colegas. Acontecimento portanto, de rotina, se não se desse o caso de a esse empregado bancário — que desempenhou o seu trabalho com particular dedicação durante trinta e seis anos — se ter reconhecido virtudes tais e tantas, que mereceram de um lado os seus companheiros de trabalho, no decurso de homenagens, palavras de elogio e reconhecimento que bem vale a pena transcrever, nesta nossa época de terrível desencanto:

«Contam-se pelos dedos de uma só mão — e ainda sobrando — as vezes em que eu fiz questão de usar da palavra pública para falar de alguém em público.

Esta, por exemplo, é uma dessas vezes, razão pela qual me permito agora me associar a esta homenagem a um homem que me permitiu a admirar e a estimar.

Porquê, se mal o conheço, se apenas o tenho visto por acaso percorrendo os vários corredores desta Casa, sobraçando papéis, prendendo de papéis, cartas, bordereaux, circulares, ordens de serviço, telexes, telegramas, etc?»

Pois pela sua modéstia, mas pela sua modéstia tão cheia de grandeza humana que, ao cruzar-nos com tantos senhores prepotentes por esses mesmos corredores, impantes de uma grandeza que nos deixa transidos de espanto ou perdidos de riso porque nada, na realidade, a justiça, antes tudo, pelo contrário, a nega —, a gente logo se lembra do pequeno-grande Saraiva, tão alto cume erguido na humildade das suas funções.

Mas, há funções humildes?

Não creio.

Pelo menos não as conheço.

O que há é gente que, por natureza, se humilha, até quando desempenha as mais destacadas funções, e gente que nobremente trabalha que realiza por muito pouco importante que aparente ser.

Como este pequeno-grande Saraiva que, de secção em secção, durante trinta e seis anos, andou, carregando papéis e transportando, também, no seu largo sorriso de criança adulta, uma contagiante alegria de viver.

E a minha estima por ele, a minha admiração por essa singular capacidade de tornar felizes aqueles que com ele conviviam — às vezes sem outro contacto o de com ele se encontrarem, de raspão, num corredor — o meu respeito pela dignidade com que sempre se desempenhou das suas quotidianas tarefas, todos esses sentimentos alcançaram em mim uma dimensão que me levou, forasteiro que sou no seu reino de acção, a aqui prestar-lhe a minha homenagem, nesta hora em que Vou Saraiva, comete a primeira traição da sua vida — a de abandonar!

De qualquer maneira, que seja muito feliz e que não nos esqueça, como nós jamais o esqueceremos.

E, sobretudo, obrigado, Saraiva, pelo exemplo de integridade que nos deu a todos!»

folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

JUSTIÇA DE EL-REI

HERLÂNDER MACHADO

UMA SENTENÇA DE AFONSO V

EM 1467

O historiador Eugénio de Lemos descobriu, há anos, nos arquivos da Câmara Municipal da Lousã, uma sentença de El-Rei Dom Afonso V, que pôs termo ao pleito travado entre os pastores da serra, habitantes das aldeias de Pêra e do Coentral, e o Concelho da Lousã.

«O fundo da questão residia no direito de pastagem nos matos da Serra da Lousã» — como salienta Eugénio de Lemos em opúsculo dedicado a assunto.

Como veremos adiante, invocam os do Coentral os usos e costumes que, desde tempos imemoriais, eram seguidos e respeitados, assegurando aos pastores a liberdade de levarem os seus gados para os terrenos baldios, de logradouro comum, que se situavam junto à linha divisória dos termos de Pedrógão e da Lousã.

«Dada em nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, aos dezasseis dias do mês de Maio (...) Ano do nascimento de Nosso Se-

nhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e sessenta e sete», esta sentença de Dom Afonso V, foi apresentada por Eugénio de Lemos, na secção de História do Congresso Luso-Espanhol realizado em Madrid, no outono de 1958.

Por sugestão do Presidente da Câmara Municipal da Lousã — Dr. Manuel Magalhães Mexia, foi esse documento publicado, em interessante opúsculo, editado, no ano de 1959, pela Coimbra Editora, Lda.

Esta reveladora publicação que tem, justamente, o título de «Uma Sentença de D. Afonso V», reúne, além de um curioso estudo crítico elaborado por Eugénio de Lemos — sobre o significado e o enquadramento desta intervenção régia em favor da Justiça reclamada pelos povos — uma fotocópia do pergamínio que contém a sentença, a integral transcrição do texto original e uma actualização criteriosa da sua grafia.

A propósito do pleito entre o concelho da Lousã e os pastores do Coentral, escreveu Eugénio de Lemos:

«Ora o Coentral era uma aldea perdida nas ravinas de profundo valeiro, na vertente sul daquela serra, no termo de Pedrógão, donde distaria 3 boas léguas, por caminhos insuportáveis, rodeados de precipícios, assombrados por densas matas, povoados por lobos e javalis.

Nos fins do século XVIII contava o povoado apenas com 45 fogos, quantos juntaria trezentos anos antes?

Com que influências poderia contar esta pobre gente que só vivia da criação de gados, sem outro convívio com qualquer espécie de civilização, com que disponibilidades materiais, com que apoios, para fazer chegar a sua voz à presença do Rei, supremo Magistrado última instância para decidir todos os pleitos e fazer Justiça em todas as causas?»

Efectivamente, são pertinentes tais interrogações e não deixam de legitimar o comentário que se lhe segue: — «... mal iria aos pastores de qualquer Coentral espalhado pelo Mundo, se carecessem de fazer ouvir a sua voz, clamando Justiça, junto do supremo tribunal de qualquer país!».

Quantos habitantes teria o Coentral nesse distante ano de 1467? Não o sabemos. Apenas poderemos depreender que seriam muito menos do que aqueles que lá existiam em 1757, quando foi publicado, em Lisboa, um «catálogo alfabético de todas as Freguesias dos Reinos de Portugal e Algarve...», que tem por título o de «PORTUGAL SACRO-PROFANO».

Eis o que se diz ali, acerca do Coentral.

«COENTRAL, Freguesia do Bispado de Coimbra, tem por Orago N. Senhora da Nazaré, o Pároco é Cura Anual da apresentação do Cabido da Sé de Coimbra, renda de vinte mil reis: dista de Lisboa trinta léguas, e de Coimbra cinco e quarenta e cinco fogos».

Tudo nos leva a crer que, duzentos e noventa anos atrás, isto é, em 1467, devia ser muito menor o número de fogos existentes no Coentral.

Seja como for, porém, não deixa de ser muito significativo o facto de ter sido possível àquela tão pobre gente serrana chegar até ao próprio Rei, para reclamar justiça.

Não será demais acentuá-lo:

«Fracos de valimento — comenta ainda, o escritor Eugénio de Lemos — sem oiro para alimentar a fogueira das controvérsias, afastadas de tudo e de todos por fartas léguas de caminhos semeados de perigos, bem forte era a voz do povo para tão alto fazer chegar o clamor do seu desejo de justiça».

Segundo julgamos, esta sentença é o documento mais antigo que se conhece em relação ao Coentral.

Fazendo a síntese de toda a questão da fruição pela pastorícia



D. Afonso V (segundo uma gravura do século XVIII)

dos terrenos baldios daquela região, regista as razões que assistem aos pastores e o direito que contempla o concelho da Lousã. Os usos e costumes aparecem, também, como fonte do direito consuetudinário que a pobre gente serrana sente a seu favor.

E não deixa de ser curioso afinal, verificar que, de geração para geração, se transmitiram, até aos nossos dias, formas económicas de vida, práticas rotineiras, tradições e direitos.

Tudo se manteve durante los. E, ainda há escassos anos, aquela boa gente serrana pastoreava os seus rebanhos de cabras na Serra do Trevim, deixando para o Cabeço do Pereiro — esse pleito, sobranceiro ao Coentral, acabou por vir a ser mais conhecido por Santo António da Neve, que houve tempo ulterior em ali se instalou a chamada úgr fábrica da neve».

Mas... de tudo isto falarei mais adiante.

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO ● ESTOFOS ● ALCATIFAS ● TELAS ● FRIGORÍFICOS ● T. V. ● MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS
SEDE E ARMAZÉM N.º 2
AVENIDA DE S. DOMINGOS
(FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

Vende-se no

RESTAURANTE
SNACK-BAR

Chopp-Avenida

de António Henriques Costa
(Aberto das 8 às 2 H.)

Avenida de S. Domingos
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Telef. 44349

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I. S. E. C.)

● EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
E CONSTRUÇÃO CIVIL

● EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS,
REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO,
ARRUAMENTOS.

● LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS: ELABORAÇÃO, MEDIÇÕES,
MARCAÇÕES, PICTAGEM.

Largo Camilo Castelo Branco, 13, 1.º

Telef. 2 29 77

2400 LEIRIA

AMÍLCAR SANDINHA

Advogado

Arganil — Lousã

Telefs.

Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras
em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

LEIA O JORNAL DA SUA TERRA

VENDE-SE

— EM CASTANHEIRA DE PÊRA
NO RESTAURANTE
CHOPP-AVENIDA

— NO COENTRAL GRANDE
NO BOTEQUIM DOS
NEVEIROS

— EM LISBOA

NA TABACARIA
MÓNIO 21

NA CASA DA COMARCA
DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Largo do Intendente, 45

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA



ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS · DISCOS · GÁS MOBIL

LOJAS

1 R. CONDE DE REDONDO, 62 PRAÇA DO AREIRO, 6
TEL. 56 11 47 (4 Linhas) TELS. 88 33 11 - 80 39 34
1100 LISBOA 1000 LISBOA

3 *Centro Técnico*
RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 R. CONDE REDONDO, 76-A
TELS. 65 62 71 - 65 64 96 TELS. 55 65 64 - 57 43 24
1300 LISBOA 1100 LISBOA

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens

Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 9 24 52

BARRACÃO — LEIRIA.

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forçanete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.

DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

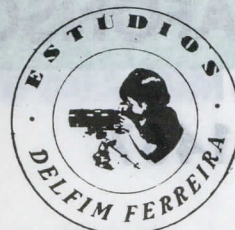
Rua de Arroios, 152-A
Telefones 401 85 e 538034
1100 LISBOA

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA



Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃ

REPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS

BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas na Rua João Bebiana

Telef. 4 22 86

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Indústria e Comércio
de Madeiras

Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lenhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

3.º CONCURSO DE PROJECTOS INDUSTRIAIS

Interessante Jornada de Divulgação

Organizada pela Caixa Geral de Depósitos, em colaboração com o Instituto das Pequenas e Médias Empresas Industriais (IAPMEI), realizou-se, no passado dia 9 de Junho, em Alvaiázere, uma jornada de divulgação dos objectivos deste concurso e, ao mesmo tempo, dos apoios de vária ordem, com que os possíveis interessados poderão contar tanto da parte da Caixa como do IAPMEI, nas diversas fases de concretização dos seus projectos.

Integrada na 4.ª semana do concelho de Alvaiázere, esta jornada destina-se aos concelhos do Norte do distrito de Leiria, que nela estavam condignamente representa-

dos, tendo a Castanheira um apreciável número de presenças.

Foram prestadas, aos presentes informações de muito interesse, tanto pelo seu conteúdo como pela clareza e profundidade, as quais mereceram a melhor atenção da parte de todos.

Num distrito como o nosso, que segue a regra do nosso país da concentração da indústria na faixa litoral, iniciativas deste género que levam até ao interior informações pertinentes e concretas, prestadas directamente aos possíveis interessados, são sempre de louvar. E tanto mais quanto, no distrito de Leiria não despertaram in-

teresse assinalável os concursos anteriores. Deste espera-se melhor sorte e, para isso, não deixará de contribuir a metodologia agora aplicada.

Como elementos de estatística, convirá dizer que ao primeiro concurso se apresentaram, em todo o país, 127 projectos e foram financiados 60, na importância total de 2 500 000 000\$00 e, no segundo, num total de 136, foram financiados 76 projectos, na importância global de 2 700 000 000\$00. Nestes dois concursos, criaram-se mais de 7.000 postos de trabalho.

O presente concurso decorre de 17 de Maio a 17 de Novembro e, tanto no IAPMEI como aos bal-

ções da Caixa Geral de Depósitos, serão dadas todas as informações necessárias, quer relativas ao concurso em si, quer à criação de pequenas e médias empresas.

Cumpra uma palavra de aplauso à CGD e ao IAPMEI por mais esta iniciativa à qual auguramos os melhores resultados, apesar dos tempos difíceis que atravessamos, ou talvez até por isso.

COENTRAL

Cont. da Pág. 3

Aguarda-se a deslocação em massa dos nossos conterrâneos residentes em Lisboa e outras terras do País e estrangeiro onde exercem as suas actividades, os quais desenvolvem sempre denodados esforços no sentido de poderem estar presentes na Nossa Terra por ocasião da Festa da Senhora da Nazaré, como se espera também a vinda de elevado número de forasteiros que prazenteiramente aqui acorrem habitualmente na oportunidade.

JORNADA DO EMPRESARIO

GESTOR DA ZONA CENTRO

Integrada nas jornadas técnicas da Feira Comercial e Industrial de Coimbra, realizou-se naquela cidade, no passado dia 2 de Julho, a Jornada do Empresário e do Gestor da Zona Centro. Foi organizada pelo Centro Regional do Centro da Associação Portuguesa de Management, com o apoio da Direcção Regional de Coimbra do Banco Português do Aitântico, que nesse dia celebrava a sua inauguração.

Esta Direcção Regional do BPA, que aparece depois de várias outras, foca sob a responsabilidade do director Dr. João Rodrigues, cuja capacidade e competência é bem conhecida e tem como função coordenar a apoiar a actividade das

agências daquela instituição em Aveiro, Castanheira de Pêra, Castelo Branco, Coimbre, Figueira da Foz, Nazaré, Vila Real e Vila Poiares.

A Jornada contou com a presença e participação de personalidades de destaque como o Dr. Luís Morales, Artur Santos Silva, que julgou oportuno esclarecer algumas dúvidas e esclarecer questões sobre a presente da economia portuguesa, do-a em várias perspectivas.

Por fim foi servido um jantar a todos os participantes, em troco da Igreja de Santa Cruz.

COMPANHIA DE SEGUROS BONANÇA

Esta companhia, no desejo de preparar todos os seus agentes para uma melhor possibilidade de contactos com os seus segurados, desejando assim uma melhoria dos seus serviços externos, tem vindo a reunir, em várias localidades, os seus agentes.

Recentemente, foi a vez dessas reuniões se realizarem em Figueiró dos Vinhos, que como era de prever, teve bastante frequência. Os ensinamentos foram ministrados por um grupo de técnicos profissionais da zona centro Sr. Benigno Brito Gomes.

Embora se tratasse de reuniões de trabalho, nem por isso deixou de se criar um clima de camaradagem e salutar convívio, que se concluiu com um jantar de encerramento que foi pretexto para debater alguns problemas de interesse profissional para todos.

EM COIMBRA COMEMOROU-SE EM 18-7-83 O DIA DO COMANDO DA PSP

Decorreram no passado dia 18, as cerimónias que assinalaram o Dia do Comando Distrital da PSP de Coimbra presididas pelo Tenente-Coronel Gouveia Falcão. As cerimónias realizaram-se na parada do Convento de Santa Clara e além da sessão normal, delas fizeram parte a celebração da Missa um almoço-convívio e uma tarde desportiva no Choupal.

Assistiram às cerimónias o Reitor da Universidade, um represen-

tante do senhor Bispo, os comandantes da GNR e GF, o director da PJ de Coimbra, o delegado do Procurador da República os presidentes das Câmaras de Coimbra, Cantanhede e Figueira da Foz, e os presidentes das Juntas de Freguesia da área urbana.

As cerimónias constituiram a primeira comemoração realizada como forma de assinalar o Dia do Comando Distrital da PSP de Coimbra, evocando assim a data de 17 de Julho de 1878, quando começou a organizar-se o Corpo de Polícia Civil do Distrito de Coimbra.

O novo guião do Comando Distrital da PSP foi entregue no decorrer das cerimónias pelo padre Au-

— AGÊNCIA DA CAIXA

GERAL DE DEPÓSITOS

Já foram iniciadas as obras para a construção da agência da Caixa Geral de Depósitos em Pedrógão Grande, as quais seguem em bom ritmo.

Prevê-se que estas obras a cargo de duas empresas de Coimbra, fiquem concluídas para os fins do ano em curso.

relígio de Campos, em nome do Bispo da Diocese, tendo-se seguido a entrega de condecorações, a vários elementos da Polícia de Segurança Pública.

Referindo-se à divisa que o novo guião passa a apresentar — "A liberdade debaixo da Lei" — o tenente-coronel Gouveia Falcão dirigiu-se aos agentes em parada dizendo: "A divisa é difícil mas é nossa".

Estiveram presentes nas cerimónia além das personalidades já nomeadas, o segundo comandante-geral interino da PSP o delegado do Comandante da Região M. Centro e os comandantes da PSP de Aveiro, Viseu, Guarda, Castelo Branco e Leiria.

O Jornal de Castanheira de Pêra representado pelo Director e pelo Chefe de Redacção, foi amavelmente acolhido pelo sr. Comandante Tenente-Coronel Gouveia Falcão, a quem endereça agradecimentos e deseja felicidades.

NOTÍCIA

Castanheirens

PISÕES

CASAMENTO

Realizou-se no passado dia 11-6-83, na Igreja de Castanheira de Pêra, o casamento da senhorinha Jina Maria da Silva Simões Alves, filha do sr. Joaquim Simões e D. Albina Henriques da Silva Simões com o Sr. Anacleto Nunes Alves, filho do Sr. Herculano Simões Alves e D. Ducleina David Nunes.

Foram padrinhos da noiva o casal Adelino Antunes Alves e D. Maria de Lurdes da Silva Simões Alves e do noivo o casal José Afonso e D. Lucília Nunes Alves Afonso.

O copo-de-água teve lugar no Clube Recreativo de Pisões.

Os noivos foram residir para Sarnadas.

O Jornal de Castanheira de Pêra deseja ao nível casal as maiores felicidades na vida que agora encetam.

PEDROGÃO GRANDE

— QUARTEL DA G.N.G.

Em sessão ordinária, realizada no passado dia 9 de Junho, procedeu-se à abertura das propostas para a construção do Quartel da G.N.R. em Pedrógão Grande.

SARZEDAS DO VASCO

Adelino Henriques
Faleceu em Sarzedas do Vasco em 20/6/83.

Era natural da referida povoação, onde nasceu a 2/3/1904.

Casado com Maria da Conceição Simões, era pai de Aida Simões Henriques, Maria da Conceição Simões, casada com

AGRADECIMENTO

EDUARDO RODRIGUES DIAS CORREIA

À Família de Eduardo Rodrigues Dias Correia, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, como seria seu desejo, vem por este meio, agradecer reconhecida a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso Irmão e Tio à sua última morada, ou que por qualquer forma lhe testemunharam o seu pesar.

ACONTECEU

NA

RIBEIRA DE PÊRA

DESPEDIDA

ANTÓNIO PINTO DA SILVA E ESPOSA

Na impossibilidade de se despedirem de todos os seus muitos conhecidos e amigos, ao chegar a hora de deixarem esta terra onde foram recebidos, trabalharam e viveram como se sua fosse, vêm, por este meio, apresentar a todos as suas saudações de despedida, com as desculpas por não o fazerem pessoalmente, como muito desejavam.

AGRADECIMENTO

ADELINO HENRIQUES

A viúva, filhas, filho nora, genros, netas e neto, vêm por este meio e na impossibilidade

de o fazer de outro modo agradecer a todas as pessoas que com eles partilharam a dor de que foram vítimas.

Mais agradecem a todas as pessoas que durante a doença do ente querido agora perdido, de qualquer forma lhe manifestaram o seu carinho.

Neste agradecimento não podem esquecer os vários médicos que o assistiram durante a longa doença, bem como os médicos amigos da família.

Uma palavra de reconhecimento ainda, para o pessoal da Secretaria do Posto Clínico e também para todo o pessoal do Hospital Concelhio, desde enfermagem a serventes.

A todos o nosso OBRIGADO.

MINI MERCADO

ESTRELA DA AVENIDA

De Ilda Maria T.F. Paulo

Peixaria, Charcutaria, Frutaria, Merceria e Secção de Brinquedos

Av. S. Domingos

Telef. 44311

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA



PAÇOS DO CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA



AS PALAVRAS

Há que poupar as palavras, usando-as com parcimónia e, sobretudo, despojando-se dessas vistosas roupagens que as travestam e deturpam.

A época dos discursos passou -- principalmente daqueles discursos que apenas serviam para entontecer quem os escutava tal como o álcool que dá, a quem o ingere em demasia, a falsa sensação de que tudo vai bem, apesar de tudo ir, na realidade, mal.

Mas, foi assim que, durante anos, se proporcionou a quase toda a gente uma imagem positiva do que era negativo.

Porque as palavras têm força. Uma força que chega a ser demolidora. Uma força que reveste de aparente vigor o mais anémico dos espíritos.

E, por isso, quando não se realiza, fala-se. Em vez da picareta e do martelo, ergue-se a voz. Em lugar da mão cheia de sementes, a boca a transbordar de sons.

Porque as multidões vão, cegas, atrás das palavras. Como rebanhos na cola do pastor. Como seres sequiosos, num deserto, correndo para aliciantes miragens de lagos e rios.

A humanidade, porém, precisa das palavras. O que é indispensável é empregá-las com conta, peso e medida e pô-las ao serviço da Verdade.

Fazer delas, em suma, o invólucro de um conteúdo autêntico.

Mas, como se esbanjam as palavras e desonestamente as gastam, não para explicar, mas para mistificar, as pessoas cada vez acreditam menos nas palavras!

Há, portanto e urgentemente, que voltar a dignificá-las começando por respeitar o genuíno significado de cada uma.

Para que o povo torne a crer na voz que se lhe dirige, não continuando a ver nela, como o touro numa arena, o pano vermelho e esvoaçante da muleta de um toureiro, para lá do qual só o vazio existe.

UMA EFEMERIDE A RECORDAR 28 de Julho de 1901

EM CASTANHEIRA DE PÊRA FOI INAUGURADO O HOSPITAL DE S. JOSÉ (Salus Populi Suprema Lex)



O ANTIGO HOSPITAL HOJE LAR DOS IDOSOS

Realiza-se amanhã neste importante centro fabril e industrial a inauguração do novo hospital de S. José, ali construído por meio de esmolas.

A comissão promotora deste humanitário empreendimento é composta do sr. Visconde de Nova Granada, cônego dr. Eduardo Pereira da Silva e Manuel Correia de Carvalho.

Aquele titular é um dos principais subscritores tendo oferecido, só em dinheiro, reis 9.000\$00.

Foram convidados para assistir à simpática festa os srs. Governadores civis de Coimbra e Leiria, e o sr. Carlos Lopes, ex-deputado pelo círculo de Figueiró dos Vinhos.

in O Conimbricense, n.o 5601, de 27 de Junho de 1901

PEDROGÃO GRANDE

Encravada na grande zona do interior, e fazendo ainda parte integrante do planalto central ou meseta ibérica, é composta essencialmente de terrenos graníticos, é-câmbrios e primários.

Os seus vales pedregosos, de má-tática imponente, associados aos grandes outeiros, são uma das características principais desta região.

Destacam-se pela sua sumptuosidade e beleza o outeiro dos Milares, situado a oeste da Vila, com sua forma piramidal, dominando, mais de 200 metros de altitude, as raptas margens do Zêzere e da beira de Pêra.

Daqui pode observar-se uma inscristível paisagem, vendo-se lá muito em baixo, pequenina, a grande "ponte filipina" com os seus três arcos sobre as verdes águas do rio Zêzere, ligando as duas vilas vizinhas. Ao longe, com todo o seu esplendor, vislumbra-se a imponente barragem do Cabril com o seu "ago" e ilhas artificiais.

Bem junto aos Milares, no topo da cerca do extinto Convento de Luz, ergue-se enorme e mudo, observando há milénios o encontro das águas da Ribeira de Pêra e do Zêzere, o vetusto "Penedo do Granada" assim denominado devido ao longo Frei Luis de Granada aí se ir refugiado várias vezes afirmando em contacto directo com a natureza agreste e longe das coisas do mundo meditar sobre os mistérios de Deus e da Vida.

Frei Luis de Granada, dominicano espanhol que se celebrou como pregador e escritor veio para Portugal a convite do Cardeal D. Henrique, de quem, aliás, foi confessor, tendo-se fixado mais tarde no Convento Dominicano da Luz. Interessando-se pela região, conseguiu da rainha D. Catarina, viúva de João III, um subsídio para ampliação do Convento, facto bastante importante para a época. Aqui

escreveu grande parte das suas obras inspirado pela paisagem que o rodeava.

Não quis Miguel Leitão de Andrade deixar passar em claro este facto e é assim que ele nos descreve o local (!): "... Pois além do sítio ser o que he, como bem o conheço aquelle insigne varão de Deus, o P. Fr. Luis de Granada, que d'aqui onde foi morador muitos annos não havia tiral-o e qui compoz muitos dos seus livros, tão úteis quanto bem recebidos de toda a Christandade, escolhendo hum lugar onde os hia escrever... que he no cabo da sua cerca, ao pé d'um penedo muito grande, entre outros pendurado sobre dous rios Zenzere e Pera, onde hum se mete no outro; lugar muito ermo, só e

azartado, e para escrever e falar com Deus accomodadissimo: o qual penedo de seu nome em sua memória se chama hoje por aquella região, e chamará para sempre o Penedo do Granada".

Do "Cabeço da Cotovia" apenas se pode dizer ser um dos mais altos penedos de zona, tendo sido construído sobre ele um aprazível miradouro.

Também digno de menção é o Cabril, "um dos trechos mais arrogantes da Europa, no género" no dizer de Raul Proença no seu "Guia de Portugal". É na realidade esta paisagem constituída por enormes e agrestes rochedos graníticos talhados a pique e caprichosamente esculpidos pela natureza assumindo as mais diversas formas

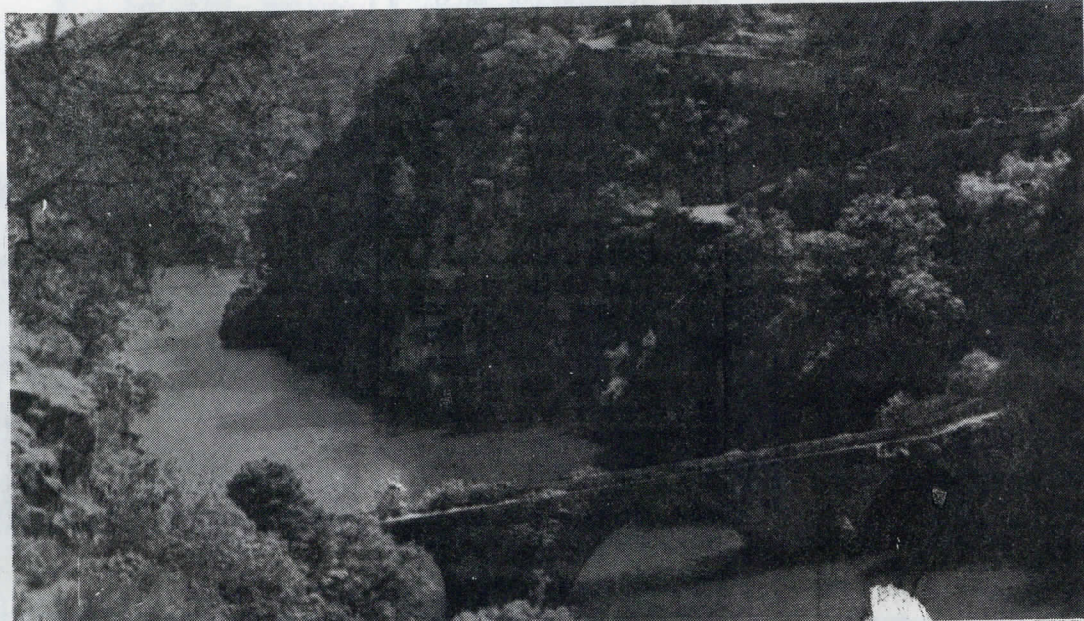
que pode a nossa imaginação conceber.

Entre eles e a mais de duzentos metros de profundidade corre, hoje, calmo, dominado pela barragem do Cabril, uma das mais altas de todo o país, o rio Zêzere com as suas verdes águas.

Qual tela pintada por genial artista onde as cores maravilhosamente se combinam, queda-se aqui qualquer homem deslumbrado ante o espectáculo grandioso que a natureza lhe oferece.

Aqui buscou o grande compositor Alfredo Keill inspiração para os seus "Tojos e Rosmaninhos" e "Ópera Serrana", aqui buscou Malhoa inspiração para alguns dos seus quadros, aqui veio o Povo de Pedrogão Grande colher elementos para a composição do seu Brasão.

Num dos próximos números: Entrevista do Snr. Presidente da Câmara.



DESEJO IMPOSSÍVEL

«transcrição autorizada pelo Autor do Livro SOL E NEVE»

*Quisera poder ter a tua idade,
Quisera poder ter o teu vigor;
Regressar à perdida mocidade
E as horas inditas recompôr.*

*Quisera poder ter a felicidade
Que no teu rosto expande o riso e a cor,
Sem a garra acerosa da saudade
A alfinetar-me a permanente dor.*

*Quisera ter o mundo com que cismo
A ingenuidade, a graça e o optimismo
Com que mostras anjo e te insinuas.*

*Quisera, finalmente, Sois e Luas,
Possuir o cavalo de D. Fuas
E dominar o tempo -- o grande abismo!...*